



O ATLÂNTICO NORTE ANTIGO E MEDIEVAL – DIÁLOGOS E CONEXÕES

APRESENTAÇÃO DE DOSSIÊ

ELTON OLIVEIRA SOUZA DE MEDEIROS¹

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

“*ond þas stanhleoþu stormas cnyssað,
hrið hreosende hrusan bindeð,
wintres woma, þonne won cymeð,
nipeð nihtscua, norþan onsendeð
hreo hæglfare hæleþum on andan*”.²

“*O Andarilho*”, vv. 101 – 105.

Livro de Exeter (MS. Exeter, Cathedral 3501, fol. 83^a – 84b)

Em seu ensaio de 1947, intitulado *On Fairy-Stories*, o famoso escritor e então professor da Universidade de Oxford, J. R. R. Tolkien faz uma breve explanação sobre os livros que o influenciaram na infância e que de certa forma o marcaram por toda sua vida e carreira acadêmica. Em dado momento ele escreve:

I had very little desire to look for buried treasure or fight pirates, and *Treasure Island*³ left me cool. Red Indians were better: there were bows and arrows (I had and have a wholly unsatisfied desire to shoot well with a bow), and strange languages, and glimpses of an archaic mode of life, and above all, forests in such stories. But the land of Merlin and Arthur were better than these, and best of all the nameless North of Sigurd and the Völsungs, and the prince of all dragons. Such lands were pre-eminently desirable.⁴

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na área de História Medieval. Doutor em História Social pela USP. Pesquisador do NEMED. E-mail: elton.medeiros@ufpr.br

² “Tempestades varrem estas paredes de pedra, o gelo cai aprisionando a terra; o urro do inverno quando vêm as trevas e as sombras da noite se tornam mais escuras, ao enviar do norte uma feroz chuva de granizo para o desespero dos homens”.

³ Se referindo ao livro *A Ilha do Tesouro* de 1883, do escritor Robert Louis Stevenson (autor também do aclamado *O Médico e o Monstro*, de 1886).

⁴ TOLKIEN, J. R. R. *The Legend of Sigurd and Gudrún*. Londres: HarperCollins, 2009, p. 3.

Desde o final do século XX ocorre em nosso país o que talvez possamos chamar de um novo despertar de interesse pelo período antigo e medieval – e que vem ganhando cada vez mais força ao longo deste início do século XXI. O que chama a atenção não é exatamente o fenômeno em si, mas a escolha dos objetos de estudo decorrentes dele. Tradicionalmente, fruto da influência da escola francesa na historiografia brasileira, predominavam estudos voltados a regiões recorrentes, como o Mediterrâneo (ocidental), França e Península Ibérica. No entanto, este novo despertar de interesse pela Antiguidade e Idade Média que vem se observando tem promovido uma maior variedade de temas direcionados para outras regiões e para outras historiografias. Em meio a este novo cenário de pesquisas, é possível observar o despertar de interesse pelos espaços da Escandinávia, Europa central e oriental e as Ilhas Britânicas.⁵ Inserida nessas novas temáticas está um campo de pesquisa muito bem consolidado internacionalmente, mas que agora dá seus primeiros passos mais firmes no Brasil, focado nas sociedades ao redor da bacia do Atlântico Norte.

A percepção historiográfica tradicional desenvolveu, ao longo do século XIX e início do XX, a ideia de isolamento das sociedades do espaço do Mar do Norte. Consolidou-se a perspectiva de que, com o colapso do Império Romano do Ocidente e o início da Idade Média, as relações entre o Atlântico setentrional com o restante da Europa continental e Mediterrâneo foram suspensas, restritas a contatos pontuais de ordem política com o Reino dos Francos e conflitos decorrentes das incursões vikings a partir do século VIII. Esta interpretação está vinculada à ideia de “crise do Império Romano” e à tese de “fechamento do Mediterrâneo” medieval de Henri Pirenne – presente em seu clássico *Maomé a Carlos Magno* (1937). Tese que associava a expansão muçulmana nos séculos VII e VIII ao fechamento do Mar Mediterrâneo ao comércio e à navegação cristãs. Aliado a isso, temos também as interpretações e elaborações dos séculos XIX e XX em sua busca por histórias “legitimamente” nacionais. O que, não raro os casos, limitava as abordagens historiográficas de pesquisa ao limes geográfico dos Estados nações modernos e contemporâneos. Nesse sentido, construíram-se idealizações sociopolíticas vinculadas a uma ideia eurocêntrica de cultura ocidental que dominou o cenário acadêmico de forma hegemônica; por exemplo, isolando os estudos sobre a Inglaterra Anglo-Saxônica (séculos V – IX) do restante do contexto histórico do período antigo e medieval (mas diretamente vinculada a uma ideia de Inglaterra contemporânea, em especial durante o período vitoriano até o entre guerras mundiais).

⁵ Um grande exemplo – senão o melhor exemplo – é a tese de 1942 do professor Eurípedes Simões de Paula: “*O comércio varegue e o grão-principado de Kiev*”, sob a orientação do professor Jean Gagé, pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Contudo, nas décadas seguintes, a tese do professor Eurípedes se revelou como uma das poucas produções acadêmicas deste tipo na área, tornando-se um exemplo de exceção que confirmava a regra dentre as produções acadêmicas posteriores.

A partir da segunda metade do século XX, críticas mais contundentes, fruto dos debates sobre a “crise do Império romano” e à tese de Pirenne e ao peso das histórias nacionais ganham força, em especial devido a influência da arqueologia (e pesquisas sobre o trânsito de artefatos entre Ocidente e Oriente, que sugerem a permanência de canais de contato em funcionamento) e os estudos sobre a globalização, por uma perspectiva de uma História Conectada da Idade Média mediterrânica.

De maneira a contribuir para a expansão desse interesse a respeito de novas perspectivas de outras antiguidades e outros medievos, a Revista Diálogos Mediterrânicos apresenta o atual dossiê: “O Atlântico Norte Antigo e Medieval – Diálogos e Conexões”.

O dossiê inicia com o artigo “Os Dois Patrícios: São Patrício, Paládio e o Pioneirismo Cristão na Irlanda do Século V”, de Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia (doutora em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR), ao trabalhar com o tema sobre como São Patrício é reconhecido como o principal propagador do cristianismo na Irlanda, mas, ao mesmo tempo, como sua primazia é contestada por Paládio, um missionário menos conhecido, levantando a possibilidade de dois Patrícios ou a sobreposição de tradições. Belmaia busca explorar as fontes e hipóteses sobre Paládio, a controvérsia em torno da existência de dois Patrícios, os elementos atribuídos a Paládio e as características do cristianismo irlandês influenciado pelo culto dos santos.

A seguir encontra-se o artigo “North Atlantic Islands and a Complicated Wedding in *Egils Saga*” de Santiago Barreiro (pesquisador do Instituto de Pesquisa em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica da Argentina e do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica – CONICET). Barreiro analisa o papel das ilhas do Atlântico Norte em um episódio da *Saga de Egill* (século XIII) destacando as complexidades de um casamento sem acordo inicial, envolvendo diferentes atores e territórios. A resolução do conflito pelos protagonistas da saga oferece reflexões sobre a ideia de “liminaridade” e sua aplicação para compreender sociedades medievais do norte europeu.

Com o artigo “Fabricando a Realidade: a Narrativa Histórica de *Kristni Saga* e a Construção da Cristianização da Islândia”, de Lukas Gabriel Grzybowski (professor de História Medieval da Universidade Estadual de Londrina – UEL), tomamos contato com uma pesquisa que versa a respeito da cristianização da Islândia conforme retratada na *Kristni saga*, contextualizando-a dentro da pesquisa contemporânea e sua relação com as outras sagas islandesas. Explora como tais narrativas influenciam a percepção da realidade e propõe uma nova interpretação das atividades missionárias

antes do acordo religioso de 999/1000, destacando como o autor não apenas registra eventos passados, mas molda a própria realidade por meio de suas narrativas.

E, finalmente, temos o artigo “Uma análise a respeito das conexões entre a Inglaterra e o Reino Franco no alto medievo a partir do *queenship*” de Isabela Albuquerque (professora de História Medieval da Universidade de Pernambuco – UPE). Albuquerque visa discutir e analisar a circulação e conexões entre as princesas do Reino Franco e da Inglaterra nos séculos VI-X, destacando a escassez de estudos sobre rainhas no Brasil, especialmente no período alto medieval. Através de fontes narrativas, serão examinados exemplos de princesas que migraram entre essas regiões e como foram representadas e descritas pelos cronistas após assumirem seus papéis como rainhas nas novas cortes.

Pesquisas que debatem questões de processos de transformações religiosas, relações interpessoais e políticas, construções literárias e do discurso e elementos sobre gênero. Por meio de tais artigos podemos ter um vislumbre de que as sociedades ao redor do Mar do Norte eram tão complexas quanto as que se encontravam em terras mais ao sul do mundo Antigo e Medieval.

Com os artigos que compõe o atual dossiê a leitora e o leitor encontrarão pesquisas que se revelam de suma importância para reforçar a desconstrução de isolamento dessas sociedades do mundo atlântico setentrional antigo e medieval. Por fim, com este dossiê, buscamos também contribuir para o fomento de novos olhares por parte de possíveis pesquisas vindouras, tanto em nível de graduação quanto pós e além.

Boa leitura!